

Brasil e América Latina

O Mito da Democracia em Risco

O processo de desconstrução da democracia em três momentos

A democracia é um mito. Termos como “mito” e “lenda” começam a aparecer na literatura especializada em política com viés empírico (Mounk, Bartells, Achen). Dizer isso não é ser contra a democracia, é compreendê-la na sua natureza ontológica. Mito não é sinônimo de mentira, mito é estrutura que organiza a percepção do mundo, seu passado, seu presente, seu futuro, enfim, atribui sentido ao devir de elementos que compõem a realidade. Democracia é mito político, não cosmogônico ou escatológico, apesar de que nas suas formas mais radicais, utópicas, a democracia carrega em si um sentido escatológico em que o “povo” encontrará, enfim, a harmonia plena dos bens, da produção desses, dos afetos, das ideias, das instituições, dos territórios.

Perceber o caráter mítico da democracia é fundamental, também, para perceber suas fraquezas, contingências e possível dissolução no horizonte. Sim, a democracia poderá acabar um dia. Como todo

mito, pode perder força de aglutinação de sentido na sua relação com os dados da realidade. O mundo empírico pode prova-la mítica, e aí, virará assunto de psicologia dos mitos, história das religiões, ou mesmo esoterismo.

Como todo mito, a democracia narra “sua” natureza descolada dos fatos empíricos, fazendo um aproveitamento desses a partir de sua força centrípeta. Mas, os fatos tem tendência centrífuga, isto é, quando olhados de perto, parece dissolver a crença na condição “científica” da democracia.

O uso de termos como “mito” ou “lenda” aparecem na literatura especializada como comprovação de inconsistência da democracia enquanto realidade estável e consolidada. Ser mito aqui significa que a democracia existe na cabeça das pessoas e nos livros de política apenas porque narramos a história recente da democracia como fato político evidente. Um dos mitos mais claros em operação na democracia é que ela é um sistema de governo “criado para o povo” e sustentado na sua condição de democracia na vontade soberana desse “povo”, vontade esta realizada na união



POR
Luiz Felipe Pondé

Director, IEA, PUC, S. Paulo; Folha de S. Paulo

pelo voto universal. Ser lenda significa operar a partir de narrativas acerca do comportamento dos eleitores (o “povo”) que, de fato, não se mostram reais quando pesquisadas de modo mais sistemático.

Já nos anos 40 Ernst Cassirer apontava para a dimensão mítica do Estado (referindo-se a emergência dos sistemas nazista, fascista e soviético). De lá pra cá, a percepção do elemento mítico na vida política moderna e contemporânea foi se tornando cada vez mais presente.

Uma das narrativas mais comuns no mito da democracia é dizer que os “pais fundadores” da democracia americana queriam um governo “para o povo”.

Tampouco queriam um governo “do povo”. Pelo contrário, a preocupação era como manter o “povo” sob controle, razoavelmente satisfeito, e indiretamente representado nos seus interesses (dai a democracia “colegiada”). Outra narrati-

66

Perceber o caráter mítico da democracia é fundamental, também, para perceber suas fraquezas, contingências e possível dissolução no horizonte

va comum é que a câmara dos comuns britânica foi criada para o “povo”. Não, foi criada para representar o interesse da alta burguesia junto a um governo aristocrático ilegítimo, do ponto de vista dessa mesma alta burguesia. A entrada do voto universal masculino foi fruto das pressões de uma “classe média” que melhorou de vida e urbanizou-se ao longo do século XIX. Lido em retrospectiva, parece que tudo foi feito para “representar o povo”, quando na realidade o processo foi mais uma forma de lidar com o indesejável caráter desestabilizador do “povo” sobre a ordem social e política.

E afinal, quem é esse “povo”? Entidade numérica que melhor se materializa em multidões ou estatísticas, quando não em número de votos. Não há nenhuma segurança quanto a capacidade do “povo” decidir sabiamente algo sobre a gestão de uma sociedade. Os “pais fundadores” temiam que se o “povo” metesse a mão na gestão pública traria a desorganização absoluta da sociedade americana recém fundada, por puro desconhecimento das técnicas de “gestão do humano”.

Mas, o mito da democracia parece viver uma certa agonia nos últimos tempos. Olhado de modo mais estrutural, podemos dizer que existem 3 grande dimensões que precisam funcionar de um certo modo para que o mito da democracia opere dentro dos limites funcionais. A primeira é um razoável controle do fluxo de informação pelos “gatekeepers” que garante, minimamente, que fluxos violentos de opiniões não impactem as expectativas de uma maioria esmagadoramente numérica. As mídias sociais destruíram a realidade desses gatekeepers. Segunda é crescimento econômico sem excessiva desigualdade. Isso também é coisa do passado. A terceira é uma razoável homogeneidade étnica e cultural na maior parcela da população que exerce a soberania (a história dos últimos 100 anos prova isso). Isso também está em declínio devido ao rápido crescimento da imigração e a queda vertiginosa da fertilidade entre mulheres seculares ocidentais – espaço no qual se encontram as principais democracias. Esses três passos podem por em risco a continuidade da consolidação das democracias. ■



Adriano Moreira, João Pereira Coutinho, Bruno Garschagen e Luiz Felipe Pondé